

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA JÚLIA PEREIRA DE ARAÚJO

**CALIBÃ E A BRUXA: Uma análise sobre a constituição do feminino sob a
perspectiva psicanalítica**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

ANA JÚLIA PEREIRA DE ARAÚJO

CALIBÃ E A BRUXA: Uma análise sobre a constituição do feminino sob a perspectiva psicanalítica

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior.

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

ANA JÚLIA PEREIRA DE ARAÚJO

CALIBÃ E A BRUXA: Uma análise sobre a constituição do feminino sob a perspectiva psicanalítica

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 07/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior

Membro: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Prof. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

CALIBÃ E A BRUXA: Uma análise sobre a constituição do feminino sob a perspectiva psicanalítica

Ana Júlia Pereira de Araújo¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a obra *Calibã e a Bruxa* de Silvia Federici (2017) sob a perspectiva da psicanálise para compreender o processo de constituição do feminino, considerando os fatos históricos e visão da autora para o entendimento do psiquismo da mulher. Por consequência, foram abordadas no texto questões complexas que permeiam e influenciam a vida das mulheres como, sexualidade, feminilidade, reprodução, trabalho doméstico e relações de poder. Dessa forma, classifica-se como pesquisa bibliográfica qualitativa e como procedimento a análise literária tendo a obra de Federici como forma de estudo. Sobre o processo de constituição do feminino foram usados livros e artigos psicanalíticos que abordam o tema. Para a coleta de dados consultou-se as bases de dados disponíveis: Google Acadêmico, Pepsic, LILACS e Scielo, pesquisados em Português, no período de 1991 a 2022. Como conclusões, apresenta-se interpretações que possibilitam o debate, visando abrir caminhos para a utilização da psicanálise juntamente com as preposições de Federici na compreensão do desenvolvimento de políticas de repressão e exclusão, assim como também aproveitar-se da psicanálise na luta feminista para a libertação à níveis consciente e inconsciente.

Palavras-chave: feminismo. psicanálise. psicologia. feminino. calibã e a bruxa.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the work *Caliban and the Witch* by Silvia Federici (2017) from the perspective of psychoanalysis to understand the process of constitution of the feminine, considering the historical facts and the author's vision for understanding the psyche of women. Consequently, the text addressed complex issues that permeate and influence women's lives, such as sexuality, femininity, reproduction, domestic work and power relations. Thus, it is classified as a qualitative bibliographical research and as a procedure the literary analysis having the work of Federici as a form of study. About the process of constitution of the feminine, books and psychoanalytical articles that approach the subject were used. For data collection, the available databases were consulted: Google Scholar, Pepsic, LILACS and Scielo, researched in Portuguese, from 1991 to 2022. As conclusions, interpretations are presented that enable the debate, aiming to open paths for the use of psychoanalysis together with Federici's prepositions in understanding the development of policies of repression and exclusion, as well as taking advantage of psychoanalysis in the feminist struggle for liberation at conscious and unconscious levels.

Keywords: feminism. psychoanalysis. psychology. feminine. caliban and the witch.

¹ Discente do Curso de Psicologia da UNILEÃO, E-mail: anajulia.araujo201@gmail.com.

² Docente do curso de Psicologia da UNILEÃO, E-mail: francinetejunior@leaosampaio.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Iniciando a discussão, pontua-se aspectos cruciais na realização desta pesquisa, sobretudo, a relação entre psicanálise e literatura, pois trata-se de uma pesquisa bibliográfica de principal procedimento a análise literária de inspiração psicanalítica da obra *Calibã e a Bruxa* de Silvia Federici (2017). De antemão considera-se o caráter teórico e prático da psicanálise e sua relevância na universidade, admite-se também a sua importância como um instrumento para analisar fenômenos sociais. Com isso, mediante a proposta do estudo, de acordo com Mandil (2005) a análise literária de cunho psicanalítico, tem como objetivo a “aplicação” da psicanálise pela utilização dos fundamentos sob a literatura. Primordialmente, pensar esta aproximação também significa aceitar a presença da literatura na experiência analítica. Outro aspecto importante é que ambas são produtos de sua época e contexto cultural, assim, a psicanálise e a literatura estão sempre se renovando e atendendo as exigências do mundo contemporâneo.

A estas exigências, temos as tentativas de rompimento dos paradigmas sociais pelos movimentos sociais, aqui temos o feminismo como mais pertinente. Dessa forma, nota-se que à medida em que os meios de comunicação propagam as ideias feministas, favorecendo uma discussão mesmo que superficialmente. Porém, ambigualmente relaciona-se estas considerações com o aumento da violência de gênero. No Brasil, apesar das políticas públicas de combate à violência é evidente uma perpetuação das tentativas de aniquilamento, como o feminicídio. Além disso, compreender os multifatores destas violências realizando pesquisas científicas é imprescindível para contribuir na luta, seja para a elaboração de novas políticas públicas ou para conhecimento acerca das relações de poder entre homens e mulheres e suas origens (ENGEL, 2020).

Neste quesito, o presente trabalho possui uma temática atual e emergente, levando-se em conta os argumentos apresentados até então, pois preocupa-se em abarcar os fenômenos históricos-sociais (novos e antigos) em consonância com a necessidade de uma “politização” das pesquisas científicas que reafirmam o lugar das mulheres na sociedade. No âmbito universitário, considera-se o aumento da relevância deste tema por favorecer a discussão desses fenômenos através da pesquisa, além de ser responsável pela produção do conhecimento científico, o que

contribui diretamente com o movimento feminista. Como relevância pessoal, considera-se o local de fala da autora, vivências pessoais interligadas às questões sociais e constituição da própria *feminilidade* (recorrente no processo de análise), favorecendo uma identificação justificando o interesse em produzir sobre a temática.

Referente ao que propõe-se, em *Calibã e a Bruxa* busca-se entender os primórdios do patriarcado interligado ao capitalismo e seus surgimentos, assim como também a misoginia e violência de gênero como dispositivos de manutenção desta normatividade. Federici investiga sobre uma “história das mulheres” mas sem tirá-la de contato com a história da humanidade, uma vez que foram fundamentais para a construção do mundo atual. Norteia-se principalmente pela passagem entre dois sistemas econômico-sociais dos séculos XVI e XVII: do feudalismo para o capitalismo. Dessa forma, Federici demarca a caça às bruxas como ponto principal do surgimento do patriarcado, assim como também do capitalismo (FEDERICI, 2017).

Diante disso, acrescenta-se o processo histórico de constituição do feminino, este tem relevância através da visão psicanalítica que expõe as implicações psíquicas do patriarcado na vida das mulheres, sobretudo na estrutura histórica apresentada por Freud, como será tratada mais adiante. Contudo, apesar de ser entendido como pioneiro nos estudos da sexualidade feminina, é importante pontuar que pretende-se ultrapassar as limitações conjunturais da teoria freudiana. É também pertinente definir a noção psicanalítica de feminino diferenciada da mulher, o feminino entendido por Freud (*apud* POLI, 2007) desenvolve-se em três sentidos: sinônimo de passividade, atributos biológicos e conceitos sociológicos-culturais. Enquanto a mulher é derivada de uma construção histórico-social de gênero binário. Com isso, procurou-se trazer novas perspectivas de psicanalistas que preocupam-se em “atualizar” o olhar da teoria de acordo com o contexto contemporâneo, assim como pretende-se fazer com este estudo, para tanto, problematiza-se: como o processo de constituição do feminino pode ser pensado/compreendido a partir da psicanálise analisando o livro *Calibã e a Bruxa*?

Com isso, o principal objetivo é analisar a obra sob a perspectiva psicanalítica para compreender o processo histórico de constituição do feminino. Quanto aos demais objetivos estão: discutir a visão de Silvia Federici acerca dos eventos ocorridos na transição entre o feudalismo para o capitalismo, os dispositivos usados e suas implicações no processo de dominação do corpo feminino e das mulheres;

compreender como estes eventos influenciaram na constituição do feminino utilizando a psicanálise e sua visão acerca da mulher, a posição feminina e feminilidade; apresentar as consequências da dominação masculina destacando questões de sexualidade, dominação do corpo feminino, papéis de gênero e políticas de reprodução.

2 METODOLOGIA

O seguinte trabalho é classificado como pesquisa bibliográfica, pois esta tem como objetivo conhecer o que existe de relevante sobre um tema delimitando um problema doravante de referências teóricas já publicadas (BÊRNI; FERNANDEZ, 2012). Quanto a abordagem da pesquisa tem caráter qualitativo, pois preocupa-se em analisar a natureza dos fenômenos sociais abordados, assim, também é caracterizada como pesquisa básica pura pois busca a compreensão desses fenômenos sem propor uma aplicação direta do estudo na realidade. Sobre os fins e/ou objetivos é inscrita como descritiva visto que descreve o objeto de estudo em questão (MARCONI; LAKATOS, 2017).

Dessa forma, tratando-se da pesquisa qualitativa com textos em pesquisa social, segundo Bauer e Gaskell (2017), é necessário compreender a utilização de destes “produtos sociais” (dados coletados) inscritos em uma lógica retórica científica a qual “persuade” através da comunicação. Com isso, ao realizar pesquisa qualitativa social, é crucial considerar estes dados coletados (textos literários) como determinantes para a sua credibilidade. Além disso, os procedimentos e métodos são o meio de evidência, e pressupõem-se que estes saberes não podem ser assumidos como algo imposto.

Como procedimento utilizou-se a análise literária tendo a obra *Calibã e a bruxa* de Silvia Federici (2017) como forma de pesquisa. Além disso, a escolha da análise literária baseia-se na propensão à interpretação do autor da pesquisa referente a obra literária. Contudo, também requer o que Durão (2015) descreve como atenção (para abarcar ou lidar com a linguagem e seus componentes de maneira minuciosa, atribuindo-lhes potencialidades capazes de modificar todo um sentido inscrito) e despreocupação (para não imprimir um certo cunho pessoal à interpretação, fazendo, assim, um sentido submetido a uma disciplina individual).

Para a coleta de dados, utilizou-se o livro *Calibã e a bruxa* para entender a dominação masculina descrevendo fenômenos históricos importantes para a conjuntura atual, pensando em uma constituição do feminino a partir da psicanálise, acrescentou-se livros e artigos que proporcionam a análise do tema. Consultou-se as bases de dados disponíveis Google Acadêmico, Pepsic, LILACS e Scielo, pesquisados no idioma Português, no período de 1991 a 2022, com os descritores de busca combinados entre si: calibã e a bruxa, feminismo e psicanálise, psicanálise, feminino e feminismo.

3.1 Entre a autora e a escrita feminina: Introdução à obra “Calibã e a Bruxa”

Silvia Federici é uma filósofa, ativista feminista, escritora e professora, nascida em Parma na Itália em 1942, atualmente está com 80 anos. Em sua trajetória, destaca-se a década de 1980 quando residiu na Nigéria, onde lecionou na Universidade de Port Harcourt e ajudou no desenvolvimento do *Committee for Academic Freedom in Africa*, além de auxiliar a organização feminista pioneira *Women in Nigeria*. Entre os anos de 1987 a 2005, morou nos Estados Unidos e ensinou na Universidade de Hofstra, posteriormente, tornou-se professora emérita pela mesma Universidade. Federici, no decorrer desses anos, escreveu livros e ensaios sobre filosofia, teoria feminista, história, educação e cultura das mulheres. A autora define-se como feminista anticapitalista, antiglobalização e luta por uma reconstrução feminista dos comuns (FEDERICI, 2017).

No Brasil, a tradução do livro *Calibã e a Bruxa* encarrega-se pelo Coletivo Sycorax (batizado em homenagem a bruxa Sycorax em *A tempestade* de William Shakespeare, abordado no livro de Federici) o qual foi responsável por solicitar à própria que publicasse a obra no país devido a sua relevância. Acrescentam ainda que, na América Latina, é de total pertinência pois a caça às bruxas (mulheres e demais minorias) ainda é uma estratégia utilizada pelo capitalismo para suportar as suas próprias crises devido aos crescentes movimentos de resistência. Em seu livro, Federici tem o objetivo de analisar historicamente a discriminação contra as mulheres não como uma herança da sociedade capitalista pré-moderna e sim uma formação do próprio capitalismo construído baseado nas diferenças sexuais. Adiante, ressalta o quanto este ponto foi crucial para o movimento nos anos de 1970, pois fazia-se oposição a teoria marxista-leninista a qual justificava a

exploração das mulheres pela não participação nas relações capitalistas através do trabalho doméstico (FEDERICI, 2017).

Além disso, Severo (2020) aponta que o marxismo tradicional limitava-se por meio de um economicismo, reduzindo a complexidade dos fenômenos sociais à produção econômica, ou seja, a mercadoria. E ainda acrescenta que na década de 1970, no Brasil, os meios marxistas, submetiam as questões raciais e de gênero as explicações de classe, com a vaga esperança de que o socialismo-comunismo "resolveria", visto que a opressão classista (opressão primordial do capitalismo), seria superada. A partir disso, Prevedello (2021) reforça o ponto de vista da autora ao afirmar que o trabalho doméstico não pode ser desconsiderado de sua função na organização capitalista, pois o mesmo é um dos principais pilares da própria produção por ser o trabalho que produz a força de trabalho. Ressalta também as longas jornadas de trabalhos domésticos exercidas pelas mulheres, demonstradas nos dados levantados pela organização Think Olga (2019), caracterizando a "economia de cuidado", que somam mais de 61 horas por semana.

Dos textos mais inspiradores para o seu desenvolvimento, estão *The Power of Women and the Subversion of Community* de Mariarosa Dalla Costa (1971) e *Sex, Race and Class* de Selma James (1975), os quais empenham-se em contrapor a ortodoxia marxista na explicação de que a subordinação das mulheres é um resíduo das relações feudais. Neste sentido, Dalla Costa e James defendem que a exploração cumpre um papel central para o processo de acumulação capitalista pois as mulheres foram e são produtoras e reprodutoras da mercadoria mais importante, a força de trabalho (DALLA COSTA, 1972, *apud* FEDERICI, 2017).

Além disso, o título e sua escolha (*Calibã e a bruxa*, inspirados na peça *A tempestade* de William Shakespeare) representa esse desejo, pois em sua interpretação, o Calibã representa a rebeldia anticolonial e proletária que resistem à lógica capitalista, enquanto que a figura da bruxa, deixada em segundo plano pelo autor inicialmente, na obra de Federici ganha evidência pois representa a encarnação do sujeito feminino que precisa ser destruído pelo capitalismo (dentre elas, a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que atreve-se a viver sozinha). Assim, para a autora, também é evidenciado a intensificação contemporânea da violência contra a mulher, o que remete ao retorno da caça às bruxas e contra corpos rebeldes, que também podem ser correlacionados com a expropriação e pauperização do trabalho (FEDERICI, 2017).

Nesse contexto, a autora traça quais as principais perspectivas usadas para tal objetivo: a feminista, foucaultiana e marxista. Acerca de Marx, demarca suas diferenças, visto que dá ênfase às mulheres examinando a acumulação primitiva. Contudo, é importante citar que em *Il Grande Calibano*, já estava presente a tentativa de repensá-la, definida como o “(...) processo de separação do produtor dos meios de produção, pelo uso da violência.” (ROIZMAN; MARIUTTI, 2019, p. 1). Outra diferença entre os dois autores está determinada na visão de globalização, ou seja, as consequências deste processo. Para Federici, a globalização é acompanhada por um retorno a aspectos violentos e de perseguição, sobretudo a degradação das mulheres como uma das exigências primordiais da manutenção do capitalismo em qualquer época histórica.

Nesse viés, como explicar a execução em massa de milhares de mulheres condenadas à bruxaria? Sobre isto, Oliveira (2021) afirma que as razões históricas pelas quais o surgimento do capitalismo exigiu um genocídio contra as mulheres não estão bem esclarecidas, porém considera-se a importância de alguns fenômenos (os grandes cercamentos, guerras e a peste negra) que vieram de encontro as mulheres solteira/viúvas, idosas, que moravam sozinhas, vistas como improdutivas (força de trabalho, reprodutora e produtora) e rebeldes (controle do próprio corpo e da medicina) pelo Estado, para isso foi necessário uma intervenção do mesmo, ou seja, a perseguição às bruxas. Daí surge a preocupação de Federici que em sua obra esteja presente uma tentativa de esboço para este fenômeno, além de correlacionar este evento ao desenvolvimento contemporâneo da divisão sexual do trabalho (sobretudo, trabalho reprodutivo feminino).

Contextualizando, Federici caracteriza o processo de acumulação primitiva como universal e presente em cada período histórico, assim, pode-se exprimir que na atualidade é vivenciado este aumento da violência e perseguição às mulheres devido a tentativa de independência econômica feminina o que ocasiona diversos retrocessos. Vale ressaltar que, a conquista do corpo feminino ainda é empregada como uma pré-condição para a acumulação do trabalho e da riqueza representadas nos avanços científicos das tecnologias de reprodução. Além disso, a autora chama atenção para a "feminilização da pobreza" acompanhada pela globalização visto que foi um dos primeiros efeitos do capitalismo na vida das mulheres, ligando-se, assim, diretamente este sistema ao sexismo e racismo. Desse modo, a autora finaliza, “a

diferença é que, hoje, a resistência ao capitalismo também atingiu uma dimensão global” (FEDERICI, 2017, p. 38).

A partir deste ponto, introduz-se o conceito de *escrita feminina*, segundo Branco (1991) caracteriza-se por ser uma literatura/escrita que “carrega traços” referente à noção psicanalítica do feminino descrita anteriormente. De acordo com a autora, acrescenta a escrita desmemoriada à *escrita feminina*, pois esta demarca seus limites mostrando o vazio (esquecimento), a memória torna-se ficção e construção de futuro. Como demonstrado por Freud, a memória não é um processo de resgate linear, produz-se a partir do esquecimento e das lembranças (reais ou falsas). Também assimila-se ao processo de análise, uma escavação arqueológica que depara-se apenas com restos/partes de um todo perdido, após isso constrói-se (restaura) algo que não é original e sim análogo. As perdas irre recuperáveis geram o vazio, uma rasura, a relação com a escrita feminina constitui-se aqui, em volta da perda, ao contrário da escrita tradicional ela não a nega, pelo contrário, a exhibe fazendo dela seu principal objeto de produção. Há justamente essa tentativa de construção do passado, mas considera-se que o passado nunca é, está sendo construído no agora (e futuro), e jamais se completa.

Mediante ao apresentado, Federici descreve seu desejo de reconstruir em *Calibã e Bruxa* as lutas antifeudais europeias do proletariado à chegada do capitalismo, sobretudo para as mulheres. Seu objetivo não é somente disponibilizar análises para aqueles que não são especialistas, mas também reviver e relembrar para novas gerações a memória histórica de uma longa luta de resistência que hoje foi apagada (FEDERICI, 2017). Com isso, demarcam a relação entre a autora e a *escrita feminina*, justamente na tentativa de escrever sobre o passado, e ainda, a tentativa de reconstruir o mesmo a partir do agora, do ponto de vista das mulheres.

Branco (1991) também reconhece o contexto histórico-cultural que exprime uma "preferência" das mulheres pelos romances e biografias, pois as mesmas só poderiam ler e produzir sobre o que conheciam (amor, lar). Em Federici identifica-se a apropriação e reconhecimento da *escrita feminina* como uma potencialidade por justamente ter o desejo de “reescrever/escrever uma história das mulheres”, não nega o vazio (história apagada, esquecimento) mas o reconhece e faz dele seu objeto de estudo (história da mulheres que foi apagada).

A partir disso, trata-se da relação entre a linguagem e *escrita feminina*, esta é marcada por uma tentativa de fuga da mesma, usando-se de uma escrita não linear

que visa alcançar o pensamento (memória, aforismos linguísticos), demarca-se aqui o grande impasse do uso da linguagem. Dessa forma, observa-se que o texto privilegia o que *significante* (passível de construção, não é pleno de sentido) e não o *significado*, assinalada pela linguagem (escrita) mas encerrada pela linguagem (morte das mulheres, tentativas violentas do capitalismo de manutenção do mesmo), a loucura/misticismo (a figura da bruxa que instaura-se do imagético popular como tal), privilegia situações que beiram o indizível, o inominável e o intangível.

Nesse território é que o conceito lacaniano definido por Poli (2007) de *gozo da linguagem* desemboca, na tentativa de fazer da palavra a *coisa* (corpo feminino para Federici), diz o indizível, um projeto que dá na saída radical da linguagem (loucura) ou saída definitiva da linguagem (morte). Nesse sentido, a escrita feminina trata-se do campo do *Real* lacaniano, um impossível que constitui-se no registro do não-simbólico, situado à margem da linguagem, assim, percebe-se como essa história traumática das mulheres interfere em suas vidas ainda hoje mesmo que não se tenha acesso direto a ela, situada no campo do *Real*, infere-se também uma certa impossibilidade de erradicação do machismo/patriarcado.

Além disso, somente através do *Simbólico* é possível falar em *Real*, pois o *Real* (morte, loucura, misticismo) somente é construído a partir do *Simbólico* (literatura, escrita). Além disso, o *Real* é demonstrável nos tropeços de linguagem (lapsos linguísticos), porém permanece inominável e indizível (MARCOS, 2011). A partir desta noção lacaniana, relaciona-se a *escrita feminina* por justamente tratar de falar do *Real*, dizer o *Real*. Dessa forma, trata-se de uma escrita essencialmente simbólica (linguagem), sugerindo coisas da ordem do não-simbólico.

Mas por que então essa “preferência” pela *escrita feminina*? Dessa maneira, institui-se o *gozo feminino* em cena, conceituado também por Lacan e demonstrado por Poli (2007), seria constituído por não localizar-se no outro (homem, semelhante, parceiro) mas num lugar denominado lugar de Outro. Contudo, o gozo concebido por Lacan é sempre o *gozo feminino* (segundo o mesmo, o gozo que localiza-se no semelhante seria intitulado “gozo masculino” ou “gozo do idiota”) a medida em que gozará sempre *mais-além* num lugar do indizível ou impossível, ela não sabe a não ser que goza.

Entretanto, as questões do gozo feminino são sempre limítrofes da linguagem, seja através do discurso memorialístico, discurso psicótico/loucura ou místico. Por fim, a *escrita feminina* busca extrapolar os limites da linguagem, ir mais

além, assim, deve-se a sua impossibilidade pois toda escrita busca simbolizar algo, já na *escrita feminina* não, apesar de saber que o impossível é inatingível não a impede de tentar. Daí vem o paradoxo desta escrita, como ultrapassar os limites se são eles que garantem o ilimitado? (BRANCO, 1991). Em Federici há este reconhecimento da impossibilidade de relembrar por completo a história esquecida, contudo, instaura-se a tentativa de algo análogo e que principalmente relaciona-se com a atualidade.

3.2 A degradação das mulheres: as origens da opressão e o Outro Patriarcal

Federici demarca os movimentos sociais camponeses europeus ocorridos nos séculos XV e XVI contra o poder feudal como marco inicial na "história das mulheres". Dessa forma, o desenvolvimento do capitalismo foi uma "resposta" dos senhores feudais, burguesia e Igreja Católica, diante da revolta camponesa devido à exploração. Ademais, o declínio do feudalismo foi marcado pelas crescentes guerras, doenças, fome e morte, porém reconhece-se a importância das lutas para este fim. Com o sistema de servidão, apenas subsistiam, e conforme o fortalecimento das relações camponesas, o imperialismo dos senhores e impostos compulsórios abusivos começaram a ser questionados, assim como também a reivindicação das terras (FERREIRA; RESENDE; ANDRADES, 2022). Entretanto, a divisão sexual era bastante presente pois as mulheres não herdavam-nas, apenas era passada para a linhagem masculina. Além disso, eram forçadas a subordinar-se perante seus parentes homens e senhor feudal. Contudo, entendia-se que o trabalho doméstico contribuía para o sustento familiar (FEDERICI, 2017).

Posteriormente, com o processo de proletarização (implementação de salários), aumentaram-se os impostos, ocasionando um êxodo rural em massa para as cidades (mulheres, em sua maioria, por não terem direitos sob as terras, migraram para as cidades onde realizavam trabalhos mal pagos e degradantes, como a prostituição). Desempenhavam trabalhos que mais tarde seriam considerados masculinos (ferreiras, comerciantes, açougueiras, padeiras, etc.), e à medida que participavam mais da economia, desempenhavam outras profissões, como professoras, médicas (dominavam a obstetrícia), assim como também eram cada vez mais alvos dos sermões da Igreja sobre sua conduta "indisciplinar". Nesse ponto, percebe-se que conforme as mulheres foram tornando-se protagonistas da

economia, o resultado foram reações misóginas que procuravam conter seus avanços de sua independência (FEDERICI, 2017).

A partir disso, considera-se os movimentos heréticos para a resistência à supremacia da Igreja, sobretudo para a perpetuação da misoginia católica. Desse modo, “a heresia constituía tanto uma crítica às hierarquias sociais e a exploração econômica quanto uma denúncia da corrupção clerical.” (FEDERICI, 2017, p. 73). Além disso, algumas das “seitas” heréticas possuíam filosofias próprias que iam contra os preceitos da Igreja, não relacionavam a mulher como fonte do pecado, era possível que mulheres ocupassem lugares de relevância e pregavam a igualdade entre homens e mulheres (relação de irmandade). Sobre a sexualidade, neste momento em resposta a Igreja intensificou suas políticas de repressão sexual e controle do corpo, como aponta Michel Foucault em *História da Sexualidade* (1978) *apud* Federici (2017), houve a produção de um manual para a prática sexual, intensificou-se também os ataques a homossexualidade. Porém, quando a Igreja já não podia mais conter a popularidade das seitas hereges, investiu na perseguição através da demonização (acusações de bruxaria e satanismo).

Com a Peste Negra, que matou mais de 40% da Europa, agravou-se ainda mais esse colapso econômico, demográfico e social. Houve a crise da mão-de-obra, e em contrapartida, buscou-se solucionar as revoltas com outros meios, dentre eles a descriminalização da prostituição, o que favoreceu um antagonismo entre os homens e mulheres proletariados além de contribuir ainda mais para a misoginia promovida pela Igreja. Cada vez mais se tornou comum estupros coletivos nas cidades medievais, e raramente encontrava-se culpados ou consequências, os alvos preferidos eram mulheres de classes baixas (criadas, lavadeiras, servas...) “propriedades” dos senhores. Descritos por Rossiaud (1998) *apud* Federici (2017), eram uma forma de protesto dessa classe (homens jovens proletários que eram forçados a postergar seus casamentos por suas condições financeiras e que também sofriam com a política de celibato).

Contudo, como consequência, o sentimento de coletividade das lutas antifeudais foram se esvaindo, enquanto que para as vítimas só restaram-lhes a prostituição. A misoginia não afetou somente as mulheres pobres, as mulheres ricas também sofreram, instaurou-se a insensibilização frente a violência contra a mulher. Além disso, o Estado percebeu a efetividade de tal política e por isso houve uma construção em massa de bordéis municipais por toda a Europa, os homens jovens

pobres poderiam gastar seus salários e desfrutar assim como os mais ricos (evitando revoltas) e até mesmo a Igreja por algum tempo reconheceu como o “antídoto” contra a homossexualidade (FEDERICI, 2017).

Segundo Gregório e Leite Júnior (2021), tendo em vista o aumento da prostituição financiada pelo Estado, vemos o papel da prostituição compulsória como “punição” para aquelas mulheres que eram violadas (abuso sexual) ou que cometiam adultérios, pois além desta não poderiam realizar mais nenhuma atividade lucrativa, assim, o próprio corpo tornava-se a “mercadoria”. Além disso, deve-se enfatizar o quanto esta posição era marginalizante e “conveniente” ao Estado, pois assim, as mulheres eram reduzidas apenas ao “objeto de prazer masculino”, e não participavam ativamente na economia em outras profissões.

Considerando também o papel importante da Igreja para a disseminação da misoginia, como aponta Gevehr e De Souza (2014) a inferioridade da mulher é justificada principalmente em *Epístolas de São Paulo* e *Gênesis* na Bíblia, com a criação de Eva e a expulsão do Paraíso, de acordo ela a mulher deveria ser submissa pois derivou-se do homem (a partir da costela, um osso curvo, a mulher desde sua criação seria um “desvio”). Ao sucumbir a tentação do Diabo, Eva leva Adão consigo, criando assim o pensamento de que a mulher é a fonte do pecado e naturalmente “tentadora”. Dessa forma, os autores medievais da Igreja, trataram de escrever a figura da bruxa demoníaca (acreditavam-se também que as bruxas se deitavam com o próprio Satanás) que julgavam-se ser diretamente responsáveis pelas calamidades que ocorriam (maldições, feitiços). Nesse contexto, vemos essa figura da bruxa como uma “resposta” ao medo da independência feminina, como vimos anteriormente, a Igreja cumpriu seu papel principal de disciplinar através do medo.

Mediante ao apresentado, no texto *Totem e Tabu* de Freud (1913-1980) *apud* Castiel (2018), discute que em um tempo primitivo os homens viviam em hordas submetidos ao poder de um macho (pai da horda primeva) que possuía todas as fêmeas e podia todas as coisas. Cada vez que um macho crescia era expulso, assim encontrava uma fêmea e constituíam outra horda, até que um dia os machos expulsos se reuniram e retornaram, matando o pai da horda, canibalizaram-no e conquistaram o direito de ter todas as fêmeas. Após, receosos por novas revoltas os irmãos compactuam entre si contra o assassinato e relações entre o mesmo clã (incesto e endogamia). Como forma de garantir esses preceitos, instituíram o

totemismo, que consistia na adoração de um totem (deus primitivo) e que seria o substituto do pai morto, ocorriam as adorações e rituais para homenageá-lo.

Ao traçar o mito do princípio da cultura, Freud demarca os preceitos que sustentam a sociedade, é também marcada pela presença da violência como reguladora, assim como também o simbolismo presente nas instituições (religião, família e Estado). Dessa forma, exprime-se uma atualidade do texto à medida que dá de conta das tramas da sociedade, diz respeito às questões do funcionamento psíquico e psicopatológico, além de referir-se ao desejo do parricídio (assassinato do pai, a nível fantasioso e simbólico), o qual faz parte do Complexo de Édipo, que é universal, mas que possui particularidades subjetivas. Lacan (1957-8/1999) *apud* Castiel (2018), analisa a função da palavra a partir da frase de Goethe, assim, compara a diferença entre a palavra e o ato e a diferença entre natureza e civilização, o ato exprime a violência (impulsos, desejos primitivos) e o que instaura a civilização é justamente a capacidade de fala (pensamento, racionalização). No texto, “Freud diz que o pai torna-se mais importante morto do que quando era vivo, está abrindo a possibilidade de que se pense na dimensão que ocupa a elaboração da perda para o processo de simbolização, para que as palavras ocupem o lugar dos atos.” (CASTIEL, 2018, p. 48).

Retomando, de acordo com a análise de Federici, observamos os atos violentos das Instituições na manutenção da “ordem”, violência (ato ou simbolismo) vista em *Totem e Tabu* como estruturante, porém, de acordo com a perspectiva freudo-lacanianiana ela é “deixada para trás” com a implementação da civilização ainda que subsista no inconsciente o desejo por ela. O que vemos em Federici é justamente o contrário, ela é necessária para a sua estabilidade. Vale ressaltar, conforme Figueirôa (2019), que Freud não abre espaço para os conflitos ou posicionamento dessas fêmeas na relação com o pai totêmico, pelo contrário, as fêmeas são a “propriedade”, “objetos de desejo” e “prêmio” para aqueles vencedores (machos que derrotaram o pai da horda), aqui constata-se uma relação puramente objetual.

Nesse contexto, entende-se esse local objetual feminino como presente e permanente, pois referindo-se a descriminalização da prostituição observamos as mulheres como “prêmios” ou até “subornos”, como de fato foram usada pelo Estado para conter as revoltas do proletariado masculino. Além disso, os estupros coletivos como uma forma de “expropriar” as mulheres servas dos senhores demarca também

o mesmo movimento de “vingança” ou tentativa de aniquilação do pai da horda. Ademais, acrescenta-se que no lugar do *objeto* não ocupa-se o lugar de *sujeito*, a partir disso, onde fica o lugar da mulher enquanto sujeito?

A partir das políticas de cercamentos no século XVI, as quais tinham o objetivo eliminar o uso comum das terras para a expandir propriedades, levou à expulsão de muitos aldeões e à destruição de vilarejos, assim como também desencadeou uma série de revoltas populares. Além disso, a perda das terras levou a um aumento massivo de vagabundos e trabalhadores itinerantes, isso prejudicou principalmente as mulheres idosas e viúvas, inseridas fora da lógica de produção e reprodução, além de que várias acusações de bruxaria vinham da inadimplência dessas mulheres (OLIVEIRA, 2021).

Contudo, era muito mais sofrido para uma mulher tornar-se vagabunda pois estaria ainda mais à mercê da violência masculina, a elas encarregava-se o cuidado dos filhos, com isso, começaram a encontrar maiores dificuldades no sustento, pois haviam sido confinadas ao trabalho reprodutivo e doméstico. Quando realizado fora do lar, era extremamente mal pago com relação ao dos homens, instalou-se assim a dependência financeira feminina, a figura da dona de casa finalmente começou a constituir-se aqui (FEDERICI, 2017).

Devido ao não-aceso sobre as terras a fome tomou grande proporção na Europa, com a população faminta a comida passou a ser um objeto de extremo desejo, os famintos invadiam galpões e campos enquanto os senhores tentavam conter-nos com hostilidade. Dessa forma, a transição para o capitalismo foi marcada pela criminalização da pobreza (roubos e saques de alimentos se tornou comum), pois as autoridades apenas viam esta população carente como "inúteis". Entretanto, as mulheres eram as protagonistas dessas revoltas por justamente serem as cuidadoras de suas famílias. No entanto, toda a revolta não foi capaz de conter a crise econômica-política-social, as pessoas voltaram a morrer massivamente porém agora eram acometidas pela fome, o que levou a uma diminuição da população similar aos tempos da Peste Negra (FEDERICI, 2017).

Nesse contexto, o Estado demonstrou um enorme interesse nas políticas de controle de natalidade e reprodução, com a falta iminente de trabalhadores, esse impasse recaiu diretamente sobre as mulheres, as quais exerciam métodos contraceptivos com ervas medicinais e poções abortivas. Assim, a Igreja e o Estado investiram na criminalização do aborto e infanticídio, daí vinha muitas acusações de

bruxaria, imaginava-se que sacrificavam crianças para o Diabo ou até as canibalizavam. Com isso, a exaltação do casamento e do sexo para a procriação criou um impasse com a política do celibatário, nessa questão a Reforma Protestante saiu à frente. A prostituição também voltou a ser criminalizada, mas não com o intuito de combater mas sim encarcerar essas mulheres que só tinham como recorrer a prostituição para sustentar-se e seus filhos, reforçando o poder masculino, humilhavam-nas e legitimavam a sua violência (DOMINGUES, 2021).

Com a chegada do mercantilismo e expansão econômica (chegada às Américas, colonialismo), era evidente a necessidade de mais trabalhadores, então a família como principal instituição que garantia a manutenção da propriedade privada e reprodução de mão-de-obra. Além disso, iniciou-se uma verdadeira caçada às mulheres e seu controle de reprodução, principalmente pela caça as bruxas, que demonizou qualquer forma de controle da natalidade ou sexualidade, as leis que implementaram eram formas sofisticadas de tortura e punição (FEDERICI, 2017).

Se antes dominavam a obstetrícia, foram expulsas pelo Estado que queria garantir o nascimento das crianças, mesmo se a mulher viesse a falecer (prioriza-se a vida do bebe ainda hoje), deu-se o início da violência obstétrica. Também vigiava-se a conduta das mulheres em geral, espionava-se cada uma em busca de sinais de lactância ou condutas desviantes. A consequência disso foi uma punição e encarceramento em larga escala das mulheres. O corpo feminino passou a ser exclusivamente uma máquina de procriação, houve a expropriação do próprio corpo, o que confinou ainda mais as mulheres ao trabalho reprodutivo e trabalho doméstico não-remunerado, cada vez mais a maternidade era “inerente” da mulher (DOMINGUES, 2021).

Ademais, num clima de intensa misoginia, os homens começaram a reivindicar pela sua masculinidade, tentando desesperadamente expulsar as mulheres das profissões que lhes restavam, como os artesãos, que boicotaram grande parte da produção feminina, e com a ajuda do Estado foi perpetuado a “luta pelas calças”, as mulheres apenas poderiam participar das atividades remuneradas na condição de auxiliar e jamais deveriam receber diretamente a remuneração pelo trabalho. Diante disso, a mulher também foi privatizada, ela era mais do que nunca propriedade de seu marido e Estado, um resquício das terras perdidas pelo proletariado, os afazeres domésticos eram encarados como "recursos naturais" (FEDERICI, 2017).

A partir desse conjunto de políticas foi estabelecido a inferioridade da mulher, assim como também algumas características relacionadas até hoje ao feminino, como a excessividade emocional, luxúria, incapacidade de controlar-se, necessitadas dos “cuidados” masculino. Ao mesmo tempo, outros adjetivos pejorativos eram dados àquelas que tentavam resistir, “esposa desobediente”, “desbocada”, “bruxa” ou “puta” (MACHADO, 2021). No período do Iluminismo, onde tem-se a racionalidade e igualdade pregada na Revolução Francesa, essas mulheres eram submetidas a métodos sádicos de tortura, forcinheiras de ferro para as desbocadas, as prostitutas eram açoitadas, enjauladas e afogadas nos rios, e as adultéras recebiam pena de morte (FEDERICI, 2017).

De acordo com Butler (2008) *apud* Mountain e Gianesi (2020), que aponta “os domínios da representação” política e linguística, estas servem de “modelos” para o sujeito inserido na cultura. Segundo a afirmativa de Lacan (1985, p. 15) *apud* Mountain e Gianesi (2020, p. 124) “ a mulher não existe, a mulher não é toda”, entende-se que na cultura patriarcal (situada numa estrutura fálica da linguagem) a mulher toma esse lugar de Outro, “dado sua presença pela sua exclusão” (FROSH, 1995, p. 291 *apud* MOUNTAIN; GIANESI, 2020, p. 124).

Ademais, reforça-se a noção lacaniana de homem e mulher enquanto *significantes*, ou seja, em constante construção e sem sentido pelo. Dessa forma, observa-se que aos homens é dado o lugar discussivo absoluto do Sujeito, à mulher resta o lugar do Outro (alteridade), também observa-se a aproximação do feminino com o Real (desconhecido, “sem representação”), sobre isso Beauvoir (1949, *apud* MOUNTAIN; GIANESI, 2020) escreve que esse desconhecido/misterioso dar-se pelo ponto de vista dos homens. A essa dimensão do Outro seria essencialmente um *Outro Patriarcal*, percebe-se como o patriarcado opera no psiquismo dos sujeitos, uma estrutura cultural que influencia a nível consciente e inconsciente, algo que é anterior ao próprio sujeito. Nesse viés, cabe a uma psicanálise feminista fazer-se presente, proporcionando a crítica (da própria teoria inclusive), entendimento dos contextos sociais e históricos, e por fim, promover a reflexão e libertação.

3.3 A caça às bruxas (mulheres) e a consolidação da constituição do feminino

A caça às bruxas, fenômeno histórico-social dos séculos XVI ao XVII, foi retomado pelo movimento feminista como símbolo de resistência pois é considerado

um marco importante para a opressão às mulheres. Também demarcou o início da perseguição às minorias legitimadas pelo Estado, enquanto situava-se majoritariamente na Europa, nas Américas ocorriam os genocídios dos povos originários assim como a escravatura dos africanos. Instaurada, primeiramente como uma heresia, a condenação a bruxaria passou a ser entendida como um crime a partir do século XV (OLIVEIRA, 2018). Logo, não demorou que fosse penalizada com a morte ou outras formas de tortura que visavam a intimidação e confissão (sem provas factuais, os inquisidores visavam a confissão como forma de condenação). Além disso, no início foram feitas grandes campanhas do Estado e Igreja para fomentar o medo, espalharam publicamente a ameaça das bruxas pelas ruas com panfletos e sermões (FEDERICI, 2017).

Entretanto, há um consenso de que o que as Instituições visavam com a perseguição das mulheres era justamente expropriá-las de sua sexualidade, controle de reprodução e medicina. Buscava-se submeter as mulheres ao poder Estatal, transformando-as em recursos econômicos, observa-se também o perfil das mulheres acusadas: idosas, viúvas, sozinhas, inadimplentes, camponesas pobres e/ou mendigas. Mulheres que representavam a infertilidade e não-produção, em suas confissões obtidas sob tortura, o Diabo aparecia-lhes oferecendo abundância e fartura, cenários diferentes de seu dia-a-dia, assim pensava os Inquisidores. Essas mulheres muitas vezes eram *curandeiras* e ofereciam seus serviços à comunidade, mas isso não foi o bastante para livrá-las das acusações. Ademais, as bruxas eram a personificação da perversão moral e profanação, as acusações concentravam-se em canibalizar e oferecer crianças ao Diabo, foram responsáveis pelo imaginário construído ao redor da imagem da bruxa (FEDERICI, 2017).

A bruxaria era essencialmente um crime feminino, os homens representavam cerca de 20% das condenações e só eram por serem parentes ou maridos das bruxas, a isso dava-se a visão misógina da Igreja, a qual pregavam a "luxúria insaciável" ou "pendor natural" ao desvio e pecado da mulher. Atos já condenados pela Igreja como o aborto e a contracepção passaram a ser ainda mais abominados (OLIVERIA, 2018). As mulheres passaram a temer, viam suas amigas e parentes sendo condenadas à fogueira, todas as classes de mulheres foram perseguidas, sobretudo aquelas que buscavam minimamente independência financeira e sexual. As prostitutas, adúlteras, esposas "malcriadas" ou qualquer uma que fosse "rebelde" receberia uma acusação, e posteriormente seriam submetidas a torturas sádicas:

eram despidas e depiladas, furadas com agulhas pelo corpo (inclusive na vagina), em busca de algum sinal da “marca do Diabo”, estupradas para que se provassem virgens, e se ainda assim não obtiam uma confissão, seus membros eram amputados e sentavam-se em cadeiras de ferro quente. Quando enforcadas ou queimadas vivas faziam-se um verdadeiro evento para que servissem de lição para as outras, seus filhos e parentes eram obrigados a assistirem junto com a multidão (FEDERICI, 2017).

Percebe-se também um novo entendimento da figura do Diabo, masculino, que assumia a posição de dono/senhor e marido das bruxas, o pacto era como um contrato de casamento, o que ironicamente denuncia a ambiguidade da bruxaria como “liberdade” para as mulheres (FREIRE; SOBRINHO; DA CONCEIÇÃO, 2006). Passaram a ser extremamente temidas pelos homens, as bruxas eram ao mesmo tempo sedutoras (induziam ao pecado) como “roubavam” a *masculinidade* dos homens no ato sexual, existia a crença de que as bruxas roubam os pênis ou deixavam-os impotentes para fazê-los seus escravos. Daí percebe-se a passividade dos maridos e filhos das mulheres condenadas por não se revoltarem com as condenações pois temiam pelo assalto de suas masculinidades e retaliação (FEDERICI, 2017).

Com isso, de acordo com a sexualidade feminina passou a ser temida, uma *força perigosa*, demoníaca, as representações das bruxas majoritariamente nuas envolvidas em rituais de fertilidade ou orgias perpetuar-se aqui. Para as Instituições a sexualidade feminina deveria ser *exorcizada*, através das fogueiras (o fogo representava a purificação da alma) e torturas. Federici (2017) entende que o fim da caça às bruxas no século XVII deu-se pela aniquilação do “mundo das bruxas” devido ao advento da ciência, assim como a perpetuação da disciplina social e uma certa “segurança” alcançada pelas classes dominantes. Contudo, atesta-se a continuação da perseguição às minorias com a colonização das Américas.

A essas tentativas de impor um ideal feminino, vemos a constituição da *feminilidade*, descrita por Maria Rita Kehl em *Deslocamentos do feminino* (2016) como organizada em torno do imaginário da falta fálica e oferece-se para ser tomada como objeto do outro (homem). Admite-se aqui que tal artifício apenas produz uma condição histórica, configurando-se assim em um “mal-estar feminino”. Após isso, toma-se como partida a assertiva lacaniana “não existe relação sexual” a qual visa explicar que não existe complementaridade entre os sexos. Kehl também atenta

para a subjugação feminina a nível consciente (social e político) e a nível inconsciente, e estes seriam produzidos a partir de suas vivências, a psicanálise teria nesse contexto um papel fundamental de “libertação” para as mulheres.

A *feminilidade*, para Kehl (2016), seria uma construção discursiva produzida a partir da posição masculina, um conjunto de ideais, inscritos em uma posição de “Outro do discurso”. Com a “aceitação” desse lugar, as mulheres renunciam falar por si mesmas (*a fala do falo*), com isso observa-se a não-produção de um discurso e sim a designação no discurso do Outro. Com a assertiva lacaniana “não existe mulher” já citada, evidencia-se mais essa não-existência do feminino no inconsciente, pois não é produzido no campo do simbólico. De acordo com Kehl, o principal responsável por essa produção da feminilidade seria a instituição da família até hoje, o casamento seria na verdade entre a mulher e o lar.

Além disso, outra função dessa *feminilidade* seria justamente reforçar a virilidade e poder masculino, como observa-se em Freud sobre a passividade (feminina) e atividade (masculina). A *feminilidade* seria um conjunto de atributos dados às mulheres, tendo em vista seus corpos e capacidades reprodutivas, e todos apontam para um mesmo destino: a família, o espaço doméstico e a maternidade. Essas dimensões seriam o próprio constructo da feminilidade, a natureza feminina (KEHL, 2016). A partir disso, viu-se a necessidade de criar estereótipos em conjunto com as instituições para “domar” as mulheres, o que mostra uma contradição pois se é da natureza feminina essas condições, porque precisaria ser domada?

Referente às considerações feitas, podemos ver um novo (velho) modelo de ideal feminino constituindo-se, a esposa (mulher) passiva, obediente, casta, assexuada, dócil, de poucas palavras e sempre disposta a ocupar-se com as tarefas domésticas. Kehl (2003) em *Histeria e Ressentimento*, busca compreender as relações entre ambos, esta como estrutura psíquica e aquele como componente do campo dos afetos, ao analisando, sua fala gira em torno de uma queixa repetitiva (lamentos, acusações repetidas, veículos de gozo) dirigidas contra o outro (mais poderoso ou causador do seu mal). É um mecanismo de defesa narcísico do Eu que busca operar contra a associação livre, aniquila qualquer forma de responsabilidade do sujeito mediante ao seu próprio sofrimento.

A este muitas vezes, ocupa-se o lugar de vítima, ou seja, mulheres, precisamente: as histéricas. Ao abdicar de seu desejo por justamente não querer comprometer-se, a “covardia neurótica” como elucida Freud, ou melhor, por serem

compulsoriamente "colocadas" aqui, o sujeito vai buscar gozar no desejo de um outro, erotizando-se (corpo, manutenção das relações de objetificação feminina) em função de um Mestre (que pode ser destituído quando este revelar sua falta, geralmente o homem de uma relação ou o próprio analista). Acrescenta-se que, Inveja fálica, descrita por Freud, e ressentimento são equiparáveis, surgem da constatação de uma falta por meio da comparação, com isso procura restaurar o que falta mas ao mesmo tempo destruir o que é do outro (KEHL, 2003).

O ressentimento vai manifestar-se justamente na relação com a mãe, o qual sugere Freud que resulta no sentimento de inferioridade, desenvolvendo um "complexo" misógino a menina busca aos homens (pai) uma espécie de identificação e mantém hostilidade com as mulheres (mãe, rivalização feminina). O ciúme, desloca-se para a inveja, há uma culpabilização da mãe pela falta fálica, mas ao mesmo tempo essa mãe também será o modelo de feminilidade a ser seguido (KEHL, 2003).

Nesse sentido, a partir das discussões de Federici sobre políticas de reprodução vemos a clara culpabilização das mulheres por essa "falta", ou seja, ter tido uma filha ao invés de um filho, é clara a preferência pelos meninos, daí também vem parte desse ciúme, inveja e ressentimento da menina, em resposta a misoginia (falta, inferioridade), a qual ela irá tentar se equiparar assumindo esse lugar histórico de objeto sexual. Percebe-se em também a quantidade significativa de sentimentos negativos compreendidos pelas mulheres, de acordo com o cristianismo seria parte dos sete pecados capitais (inveja), também escreve que a dominância desses sentimentos assim como as pulsões de morte seria uma resposta para uma "luta perdida", daí vem outros desdobramentos: ambição, luxúria, ira...

Nesse sentido, Kehl (2003) demonstra as consequências de mulheres que renunciaram de seus desejos em prol do amor, objetificando-se, apagando-se, e o ressentimento que surge da frustração desse processo, ou seja, quando percebem que essa abdicação não foi suficiente para completá-las. A recusa de implicar-se com a escolha que foi feita, pelo investimento no outro (homem) dele será cobrado (responsabilidade). Vemos, assim, o componente cultural descrito em Federici no confinamento das mulheres a dimensão doméstica, reprodutiva e amorosa. Além disso, assimila a forma "infantil" a qual se reafirma as diferenças sexuais, e a incapacidade masculina de superar esta trama e as relações de poder regidas pela via da fantasia, daí vem as relações imperiosas feudais descritas por Federici, onde

o Estado, a Igreja e os homens necessitavam reafirma-se de sua superioridade constantemente explorando e inferiorizando as mulheres, mas o que não era revelado era o medo dos mesmos do “poder” feminino (controle reprodutivo e sexual, independência econômica).

Por fim, evidencia-se o processo de objetificação enquadrado nas relações de desigualdade, assim como a permanência da mulher nesse local de exploração e vulnerabilidade. Fredrickson e Roberts (1997) *apud* Bercht e Costa (2018) escreve sobre a “teoria da objetificação” baseado na psicanalista Karen Horney (pioneira na relação entre psicanálise e feminismo) e sua perspectiva de que os homens têm o direito social de “sexualizar” as mulheres independente de *status* ou idade, transformando-as em objeto (objetificação) o que culmina em uma sexualização compulsória (necessariamente sexual). O corpo feminino e suas funções são separados do *sujeito*, reduzidos apenas a função sexual ou reprodutiva (apontados por Federici). Wolf (1992) *apud* Bercht e Costa (2018), julga a contribuição das mídias sociais para a redução da mulher à objetificação sexual, na feminilização da beleza e estética, assim como Federici escreve sobre as tecnologias de modificações corporais e de reprodução.

As mulheres aprendem desde cedo que se quiserem ser amadas ou notadas tem de se adequar a certos padrões, devem abdicar de seus lugares de *sujeito* e codificar-se como *objeto*, estabelecendo relações estritamente narcísicas onde são completamente apagadas. Mas até que ponto esse fenômeno influencia na psique feminina? Nesse sentido, é importante a produção de espaços (acadêmicos e clínicos) que preocupem-se em dar conta da subjetividade feminina considerando a conjuntura histórico-social, se a psicanálise ocupa-se com o social deve também atualizar-se mediante ao que é contemporâneo e questionar discursos violentos. Entende-se, assim, que os movimentos sociais, sobretudo a luta feminista pode contribuir muito para o entendimento do psiquismo das mulheres, assim como para a libertação a nível consciente e inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões apresentadas, de acordo com o objetivo principal do trabalho, constata-se que este foi alcançado pois a obra provou-se relevante e necessária para a compreensão dos movimentos históricos e sociais na construção

da opressão às mulheres, assim como para a constituição histórica do feminino e da feminilidade. Observa-se a grande influência dos fenômenos explorados, sobretudo, a caça às bruxas para o entendimento do corpo e sexualidade feminina como “desviantes” e “perigosas”, pois buscou-se condenar as mulheres aos ambientes domésticos e a reprodução através da composição dos papéis de gênero e trabalho.

Propõem-se, então, reflexões a partir da psicanálise, revisita-se o questionamento freudiano: *O que quer uma mulher?* Ao perguntar-se o que ela *quer*, admite-se a mulher enquanto *sujeito desejante*, e este é o que de fato ela quer! Ser reconhecida como *sujeito*, cidadão (o foco principal do movimento feminista sulfragista, o direito ao voto e aos diretos iguais) e ser-humano. Reduzir a mulher somente a *objeto sexual* é no mínimo ignorante, é ignorar sua sexualidade e posição desejante, porém entende-se que com o advento do capitalismo e das políticas de repressão foi o que de fato tentou-se fazer, colocar a mulher no lugar de *objeto sexual* para a perpetuação da dominação masculina. Nesse aspecto, há um entendimento do papel da psicanálise para a libertação a nível inconsciente e consciente das mulheres, fazendo-se presente realizando análises a que propõe-se com este estudo.

De acordo com Kehl (2016) *apud* Birman (1996) o que se produz em uma análise é a possibilidade de o sujeito criar uma “estilística de existência” que dê conta em alguma medida das pressões passionais sobre o Eu. A psicanálise deve dar de conta do que significa “torna-se uma mulher” assim como “torna-se um homem”, produzindo questionamentos, o que de fato é *ser mulher?* As problemáticas derivadas de tornar-se A mulher (ideal de feminino) devem ser ultrapassadas, o trabalho analítico deve preocupar-se em como escrever *experiências femininas* de subjetivação do *sujeito*, como conviver e constituir sua própria *feminilidade* e *masculinidade*. A saída para a trama infantil da castração não seria o desenvolvimento de um falo (um pênis feminino, conquistado através da maternidade segundo Freud), o qual a sociedade ainda insiste em reduzir a tal, a visão de que a maternidade é o “objetivo” da existência feminina, mas sim o *falo da fala*, a inscrição do feminino e das mulheres n’O discurso para que haja representação. E dessa forma, produções discursivas são necessárias, literaturas, pesquisas científicas como este presente trabalho, e a própria clínica psicanalítica para construir modos de *experiências femininas*.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2017.

BERCHT, A; COSTA, A. Objetificação e Saúde Mental. *In*: SEMINÁRIO CORPO GÊNERO E SEXUALIDADE: RESISTÊNCIAS E OCUPA(ÇÕES) NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO, SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE E O LUSO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE, 7., 3., 3., 2018, Rio Grande. **Anais Eletrônicos** [...] Rio Grande: Repositório Universidade Federal do Rio Grande, 2018. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/21729/2/OBJETIFICAO_E_SADE_MENTAL.pdf. Acesso em: 19 nov. 2022.

BÊRNI, D. A.; FERNANDEZ, B. P. **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

BIRMAN, J. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.

BRANCO, L. C. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CASTIEL, S. V. Totem e tabu: discussões atuais. **Diaphora**, v. 7, n. 1, p. 45-45, 2018. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/150>. Acesso em: 10 nov. 2022.

DOMINGUES, C. L. Aborto: da demonização da mulher na Idade Média à criminalização no ordenamento jurídico contemporâneo. **Cadernos PET-Filosofia**, v. 19, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/86901793/478496942.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022.

DURÃO, F. A. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 31, p. 377-390, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/zgt5HRbRrH5d3dS3SpxGYRG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2022.

ENGEL, C. L. A violência contra a mulher. *In*: FONTOURA, N.; REZENDE, M.; QUERINO, A. C. **Beijing +20: Avanços e Desafios no Brasil Contemporâneo**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2020, p. 159-215. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10313>. Acesso em: 16 set. 2022.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERREIRA, A. P.; RESENDE, F. M.; ANDRADES, M. C. A mulher e o sistema capitalista: um diálogo das obras Calibã e a Bruxa e O Conto da Aia. **Caderno**

Espaço Feminino, v. 34, n. 2, p. 164-185, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/download/65098/33559/284135>. Acesso em: 16 set. 2022.

FIGUEIRÔA, D. Evolução das representações do feminino e do materno em psicanálise: dois paradigmas clássicos e um emergente. **Revista Clínica e Investigación Relacional**, v. 13, n. 1, 2019, p. 97-108. Disponível em: https://www.psicoterapiarelacional.es/Portals/0/eJournalCeIR/V13N1_2019/07pt_Figueiroa_Evolu%E2%80%A1ao-representa%E2%80%A1oes-femenino-materno_CeIR_V13N1.pdf. Acesso em: 19 nov. 2022.

FREIRE, M. S.; SOBRINHO, V. P.; DA CONCEIÇÃO, G. H. A figura feminina no contexto da inquisição. **Educere et Educare**, v. 1, n. 1, p. 53-58, 2006. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/1003/855/3576>. Acesso em: 22 nov. 2022.

GEVEHR, D. L.; DE SOUZA, V. L. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, v. 2, n. 1, p. 113-121, 2014. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/31>. Acesso em: 11 nov. 2022.

GREGÓRIO, M. J.; JUNIOR, F. F. . “Se acaso me quiseres sou dessas mulheres que só dizem sim”: a exploração e/ou liberdade sexual na prostituição a partir da análise da obra cinematográfica Bruna Surfistinha. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 7, n. 4, p. 35-68, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37573>. Acesso em: 12 nov. 2022.

KEHL, M. R. A histeria e o ressentimento. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 10, n. 25, p. 76-84, 2003. Disponível em: <http://www.apoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista25.pdf#page=74>. Acesso em: 16 nov. 2022.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2016.

MACHADO, A. C. Criminalização da resistência em Calibã e a bruxa. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 19, n. 47, 2021, p. 323-327. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/56069/36730>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico, 9º edição**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021.

MARCOS, C. M. Considerações sobre o feminino e o real na psicanálise. **Psicologia em Estudo**, v. 16, p. 149-156, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/SGBT3hbfBTd8GgNnGvPXHzK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2022.

MANDIL, R. Literatura e Psicanálise: modos de aproximação. **Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 12, p. 42-48, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17997>. Acesso em: 16 set. 2022.

MOUNTAIN, I.; GIANESI, A. P. Psicanálise e feminismo: algumas reflexões sobre a mulher enquanto Outro. **Descentrada**, v. 4, n. 2, p. 124-124, 2020. Disponível em: <https://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe124>. Acesso em: 16 nov. 2022.

OLIVEIRA, B. S. **Herdeiras da inquisição: uma análise de violência contra a mulher no desenvolvimento do capitalismo**. 2019. 20 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Curso de História, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5015>. Acesso em: 22 nov. 2022.

OLIVEIRA, K. S. Caça às Bruxas: a contribuição do capitalismo para o aumento da violência contra às mulheres. **Das Amazônias**, v. 4, n. 1, p. 215-223, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/4857>. Acesso em: 5 nov. 2022.

POLI, M. C. **Feminino/Masculino: a diferença sexual em psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Zahar Ed., 2007.

PREVEDELLO, C. Mulheres e trabalho doméstico: uma análise a partir de Silvia Federici. In: ISMÉRIO, C.; PREVEDELLO, C. **Nem tudo são rosas: refletindo os preconceitos, as lutas e conquistas feministas**. São Paulo: Vecher, 2021, p. 40-46. Disponível em: <https://doi.org/10.47585/nemtudosasoras>. Acesso em: 5 nov. 2022.

ROIZMAN, L.; MARIUTTI, E. A acumulação primitiva como racionalização dos corpos selvagens. **Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP**, n. 27, p. 1-1, 2019. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/ad4jb2blujeuje7dppzjxotjqa/access/wayback/https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/pibic/article/download/2633/2644>. Acesso em: 5 nov. 2022.

SEVERO, C. Múltiplas faces do feminismo marxista: Heleieth Saffioti e Silvia Federici. **Profanações**, v. 7, p. 221-246, 2020. Disponível em: <http://54.205.230.206/index.php/prof/article/view/2634>. Acesso em: 5 nov. 2022.